SINFONIA PARA UMA MORTE LENTA

Capítulo 1: O Primeiro Movimento

O calor de janeiro no interior não dava trégua nem às dez da noite. O ar era tão pesado que parecia precisar ser cortado com uma faca, algo que Beto considerou ironicamente enquanto tentava sintonizar o rádio do seu Opala 74. A estática chiava, engolindo os acordes de "Proles do Bebê" do Villa-Lobos que a rádio mecânica local insistia em tocar naquele horário.

Beto limpou o suor da testa com a manga da camisa de botão entreaberta. Ele odiava aquela estrada de terra. A poeira vermelha subia em nuvens, colando na pele e transformando os canaviais ao redor em muralhas escuras e infinitas. Se o pneu do carro não tivesse furado duas horas atrás perto de Piracicaba, ele já estaria no posto de gasolina da rodovia principal, tomando uma Antarctica estupidamente gelada.

O motor do Opala engasgou. Uma, duas vezes.

— Não faz isso comigo, bicho. Agora não — Beto implorou, batendo no painel de jacarandá falso.

O carro morreu. Os faróis amarelos piscaram e se apagaram, mergulhando a estrada em uma escuridão absoluta. O silêncio do canavial caiu sobre ele como um cobertor de chumbo. Só se ouvia o estalar do motor quente resfriando e o coro irritante dos grilos.

Foi quando a música começou.

Não vinha do rádio do carro. Era um som agudo, metálico, ligeiramente desafinado. O eco de uma caixinha de música antiga, daquelas com uma bailarina de plástico girando no centro. A melodia era infantil, melancólica, mas arrastava-se num ritmo tortuosamente lento.

Plim... plim... plim-plim... plim...

Beto congelou. O som vinha de fora. De algum ponto entre as fileiras de cana-de-açúcar que ladeavam a estrada.

— Tem alguém aí? — ele gritou pela janela aberta. Sua voz soou fina, engolida pela noite. — Meu carro enguiçou! Preciso de uma carona até a cidade!

Nenhuma resposta. Apenas a caixinha de música, continuando sua sinfonia solitária. Plim... plim...

Beto tateou o porta-luvas até encontrar a lanterna de metal pesada. Saiu do carro, o chão de terra batida estalando sob suas botas de couro. Ele jogou o feixe de luz amarelada em direção ao canavial. As folhas longas e afiadas da cana pareciam garras estendidas na escuridão.

A música parou abruptamente.

O silêncio que se seguiu foi pior. Beto sentiu os pelos do braço se arrepiarem. O cheiro de terra molhada e açúcar queimado estava forte

demais.
Vrrr-tchhh.
O som de folhas de cana sendo esmagadas ecoou à sua esquerda.
Beto virou a lanterna rapidamente. Nada.
Vrrr-tchhh. À direita. Mais perto.
— Olha aqui, se for brincadeira dos moleques da fazenda, eu juro que chamo a polícia! — Beto mentiu, sabendo que a delegacia mais próxima ficava a trinta quilômetros dali.
Um vulto cruzou a luz da lanterna. Alto. Usando o que parecia ser um macacão de mecânico azul-escuro, mas o que realmente chamou a atenção de Beto — e fez seu estômago revirar — foi a cabeça. O homem usava uma máscara de Carnaval antiga, feita de gesso e pano, daquelas com a expressão de um Pierrot chorando. Mas o gesso estava rachado, manchado de terra e algo escuro que parecia sangue seco.
E, na mão direita, o Pierrot segurava um podão de cortar cana — uma lâmina curva, pesada, gasta pelo uso e terrivelmente afiada.
Beto não pensou. Ele deu um passo para trás, tropeçou no próprio para-choque do Opala e caiu de costas na terra vermelha. A lanterna rolou, iluminando os pés do assassino.
O Pierrot não correu. Ele deu corda na caixinha de música presa ao seu cinto com um clique seco. A melodia arrastada recomeçou.
Plim... plim... plim-plim...
Ao ritmo da música lenta, o Pierrot ergueu o podão.
Beto tentou se arrastar para trás, as mãos afundando na poeira, o terror paralisando suas pernas. Ele abriu a boca para gritar, mas o som foi sufocado pelo metal frio que desceu na escuridão.
A primeira nota da sinfonia de sangue havia sido tocada.
O silêncio que se seguiu à primeira nota era mais denso do que a própria escuridão. O eco do metal contra a carne ainda vibrava no ar, uma frequência inaudível que fazia os dentes colidirem e o estômago revirar. A sinfonia de sangue havia começado, e o maestro não aceitava interrupções.
Aqui está a continuação dessa composição macabra:
Capítulo 2: O Compasso da Agonia
O ritmo de uma morte lenta não é ditado pela pressa, mas pela precisão. Cada batida do coração da vítima tornou-se o metrônomo da sala escura.
Os passos do homem que segurava a lâmina eram quase artísticos, calculados para preencher os vazios entre os suspiros desesperados que ecoavam pelo chão de concreto. Ele não buscava o fim; buscava o prolongamento do meio. A arte, afinal, exige paciência.
A Dança das Sombras
Preso à cadeira de ferro, o homem amarrado tentava sintonizar sua

mente com qualquer linha de sanidade que restasse. A primeira incisão na altura do ombro não fora profunda, mas o suficiente para que o calor do próprio sangue contrastasse com o frio glacial do cimento.
"Por favor..." – a voz era um sussurro rouco, uma súplica que o carrasco recebeu como um aplauso caloroso.
O maestro parou, inclinando a cabeça ligeiramente para o lado, apreciando o timbre do medo. Ele limpou a lâmina em um lenço de seda branco, observando a mancha vermelha se expandir como uma rosa desabrochando no inverno.
O Segundo Movimento
Com um movimento fluido, a sinfonia avançou para o segundo compasso. Não haveria gritos altos ainda. O carrasco aproximou-se do painel de ferramentas, onde ganchos, pinças e fios de aço reluziam sob a luz fraca de uma única lâmpada pendurada.
O Instrumento: Uma longa agulha de tapeçaria, fria e sem pressa.
O Alvo: Os tendões superficiais do pulso esquerdo.
O Objetivo: Silenciar os movimentos, mantendo a voz intacta para o refrão.
Quando a ponta de aço tocou a pele novamente, o ar na sala pareceu congelar. O maestro sorriu. A verdadeira música estava prestes a atingir o seu primeiro ápice, e o público de uma alma só não tinha o direito de se retirar antes do ato final.
Capítulo 3: O Primeiro Movimento
A lâmina de bisturi não era uma arma; para o Maestro, era um arco prestes a extrair a primeira nota de um violoncelo vivo.
O ar na sala, outrora impregnado com o cheiro de mofo do porão acústico, agora parecia ter gosto de ferro. Presa à cadeira de madeira pesada, com os pulsos atados por tiras de couro que já haviam pertencido a um antigo divã, a "plateia" — reduzida a uma único homem de olhos arregalados — tentava gritar. O mordaço de linho cinza, no entanto, abafava sua voz, transformando o que deveria ser um clamor de puro terror em um murmúrio rítmico.
Abafado. Suave. Um legítimo pianíssimo.
O Maestro fechou os olhos por um segundo, apreciando o som. Ele vestia seu melhor terno, embora as mangas estivessem meticulosamente dobradas até os cotovelos.
— Não sabote a introdução — ele sussurrou, a voz flutuando pelo espaço como uma brisa suave. — Toda grande sinfonia exige paciência. O público... — ele gesticulou para as paredes vazias, cobertas por placas de espuma isolante — ...exige perfeição.
Ele deu um passo à frente. Seus sapatos de verniz estalaram contra o chão de cimento. Quando a ponta de aço tocou a pele do ombro dela novamente, a reação foi instantânea. O corpo da mulher arqueou-se

para frente, os músculos do pescoço saltando como cordas esticadas ao limite.
O Maestro não pressionou a lâmina profundamente. Ainda não. Ele apenas a deslizou com a leveza de um maestro conduzindo um andante. Uma linha fina e vermelha desenhou-se na clavícula da vítima, seguida quase imediatamente por uma pérola de sangue que insistia em desafiar a gravidade antes de escorrer.
— Lindo — murmurou ele, os olhos brilhando sob a luz fraca do refletor solitário pendurado no teto. — Sentiu como o ritmo cardíaco acelerou? Isso é o tempo. Você está ditando o compasso, meu querido
Ele afastou-se um milímetro, limpando a ponta do bisturi em um lenço de seda branco que já ostentava outras manchas secas, relíquias de apresentações passadas.
A vítima chorava silenciosamente, as lágrimas limpando o rastro de poeira em suas bochechas. Ela olhava para a porta de ferro no fundo da sala, a poucos metros de distância, mas que parecia estar a quilômetros de alcance. Não havia salvação. Não havia aplausos lá fora.
O Maestro guardou o lenço e estalou os dedos. O silêncio que se seguiu foi quase doloroso. Ele caminhou até a mesa de som antiga no canto da sala, onde um gravador de rolo girava lentamente, registrando cada respiração sôfrega, cada ranger da cadeira de madeira.
— O primeiro ato foi a captura. O segundo, a preparação — disse ele, de costas para ele, escolhendo cuidadosamente o próximo instrumento sobre a mesa de inox. Suas opções variavam de agulhas de costura grossas a serras cirúrgicas de meados do século passado.
— Mas o terceiro... ah, o terceiro capítulo é onde a melodia ganha corpo. É onde a carne canta.
Ele se virou segurando uma longa agulha de tapeçaria, com um fio de náilon grosso já passado pelo olho do metal.
O sorriso do Maestro aumentou, revelando dentes perfeitamente alinhados, desprovidos de qualquer calor humano. O espetáculo estava apenas começando, e ele estava prestes a reger o acorde mais doloroso daquela noite.
Capítulo 4: Um canivete
O Maestro cometeu o primeiro erro de sua carreira impecável ao subestimar a anatomia daquele terno de brim barato.
Em 1974, naquele Brasil profundo onde a poeira das estradas de terra parecia grudar na alma, os homens carregavam suas vidas nos bolsos. E o homem atado àquela cadeira de jacarandá não era uma ovelha dócil. O suor que escorria pelo rosto do prisioneiro não era apenas de medo; era o lubrificante que fazia seu braço esquerdo

deslizar, milímetro por milímetro, contra a corda de sisal frouxa pelo calor úmido daquela noite de veranico.
Quando a ponta de aço do bisturi do Maestro tocou a pele do seu pescoço novamente, o ar na sala congelou. O Maestro sorriu, inebriado pelo próprio delírio.
— A verdadeira música está prestes a atingir o seu primeiro ápice — sussurrou o carrasco, os olhos fixos na linha de sangue que começava a brotar. — E o público de uma alma só não tem o direito de se retirar antes do ato final.
Mas o Maestro estava cego para o que acontecia abaixo da linha da mesa.
Com as pontas dos dedos dormentes, o homem alcançou a aba do bolso lateral da calça. O metal frio e rústico do canivete de latão — o mesmo que ele usava para descascar laranjas no pomar e cortar fumo de corda — tocou sua pele. Com um movimento milimétrico do polegar, ele forçou a lâmina cega contra a ranhura. Um estalo seco ecoou na sala. Um som ínfimo, mas que para o homem soou como uma explosão.
O Maestro franziu a testa, quebrando a pose de regente por um décimo de segundo.
Foi o suficiente.
O homem não usou a lâmina para cortar as cordas; não havia tempo. Ele usou o canivete fechado como um soco-inglês, forçando o braço dormente para cima com toda a adrenalina que restava em seu peito. O sisal cedeu com um estalo áspero, e o punho fechado do prisioneiro atingiu em cheio o queixo do Maestro.
O impacto estalou como uma chicotada. O Maestro cambaleou para trás, os olhos revirando enquanto o bisturi voava de seus dedos, riscando o chão de terra batida. Ele colidiu contra a mesa de ferramentas, derrubando bacias de ágata e frascos de éter que se despedaçaram no chão, empestando o ar.
O homem não esperou o monstro se levantar. Com um urro sufocado que rasgou sua garganta seca, ele forçou as pernas para fora das amarras restantes, tombando junto com a cadeira pesada. Livrou-se dos nós com a brutalidade de quem luta pela vida, rasgando a pele dos tornozelos.
O Maestro, tossindo sangue e com o terno de linho manchado de produto químico, tentava se apoiar na parede, os olhos injetados de puro ódio fitando o fugitivo.
O homem se impulsionou para a frente. Em vez de lutar, correu em direção à única luz que importava: a fresta de luar que passava pelos caibros apodrecidos da porta de madeira daquele galpão isolado. Ele arrombou a tranca com o peso do próprio ombro, desabando para fora, na noite escura e abafada do interior.

Abaixo dele, o mato alto e a estrada de terra deserta se estendiam no breu de 1974. Atrás dele, o som dos passos apressados do Maestro começava a ecoar na escuridão. O espetáculo havia saído do roteiro.

Capítulo 5: O Som dos Grilos e o Motor de Seis Cilindros

O breu daquela noite de 1974 não era apenas a ausência de luz; era uma substância densa, que entrava pelas narinas do homem junto com o cheiro de capim-gordura esmagado e terra seca. Ele corria sem olhar para trás, mas os seus ouvidos faziam o trabalho de mapear o terror.

Atrás dele, a sinfonia do Maestro tinha mudado de ritmo. Não havia mais a elegância de um concerto, apenas o som seco e rítmico de sapatos de verniz chicoteando contra a vegetação rasteira. Pá-flic. Pá-flic. Pá-flic. Um compasso binário, implacável, que parecia fechar a distância a cada segundo. O Maestro não gritava, não ameaçava. E esse silêncio era o que mais aproximava o homem da loucura.

A mente do homem disparava em direções caóticas, como um rádio antigo fora de sintonia. Ele pensava na esposa, no café que tinha deixado esfriar na mesa da cozinha, na fragilidade da própria pele que horas antes quase fora retalhada. Cada galho seco que estalava sob seus pés descalços parecia um tiro. O canivete de latão continuava firmemente cravado em sua mão direita, o metal agora misturado ao suor pegajoso e ao sangue dos pulsos esfolados.

Ele saltou uma vala de escoamento, caindo de joelhos na poeira gredosa da estrada secundária. O impacto ecoou por sua coluna. Ao longe, o contorno escuro de uma árvore de galhos secos parecia uma mão esquelética tentando tocar o céu.

Pá-flic. Pá-flic.

O som dos sapatos estava mais próximo. O Maestro tinha saído do matagal. Agora, a perseguição acontecia na estrada de terra batida. O homem conseguia ouvir a respiração do psicopata — um assobio asmático, ritmado, o som de um fole de igreja velho e estragado.

"Ele não é humano", o homem pensou, as lágrimas de exaustão borrando a escuridão. "Um homem cansaria. Um homem pararia."

Mas o Maestro continuava vindo, uma silhueta esguia de terno escuro, movendo-se na penumbra como uma assombração do folclore local.

O peito do homem ardia como se tivesse engolido brasas. Suas pernas vacilaram. Ele ia cair. Sabia que, se caísse ali, a ponta de aço terminaria o serviço na beira daquela estrada esquecida por Deus.

Foi quando os seus olhos cortaram a escuridão e encontraram a silhueta.

Estacionado de lado na margem da estrada, quase camuflado pela sombra de um bambuzal, estava um Opala preto, seu carro.

Sob o luar fraco, a lataria reluzia como a carapaça de um besouro gigante. O modelo de quatro portas, imponente e sinistro em sua

pintura escura, parecia um monumento ao isolamento daquela década. Para o homem, no entanto, aquele monstro de ferro representava a única chance de sobrevivência.
Ele reuniu as últimas forças que restavam em suas panturrilhas e disparou em um ziguezague desesperado. Os sapatos do Maestro aceleraram atrás dele. Um estalo metálico ecoou — o som do Maestro desdobrando uma nova lâmina.
O homem colidiu contra a porta do motorista do Opala. Com o coração na boca, ele puxou a maçaneta cromada.
Para o seu milagre ou perdição, a porta cedeu com um rangido pesado. Ele se jogou para dentro do estofado de vinil preto, que cheirava a gasolina e cigarro de palha, batendo a porta logo em seguida. No mesmo segundo, uma pancada violenta vibrou no vidro da janela: o Maestro havia colidido contra o carro, a lâmina do bisturi riscando o vidro a centímetros do rosto do homem.
Lá fora, a face do Maestro colou-se contra o vidro. O sorriso doentio havia sumido, substituído por uma expressão de pura fúria gélida.
O homem não olhou. Seus dedos tatearam freneticamente a coluna de direção. A chave estava na ignição. Ele a girou com um solavanco desesperado.
O motor de seis cilindros roncou alto, quebrando o silêncio do interior como um trovão, fazendo o chão de terra vibrar.
Capítulo 6: O Último Acorde
O motor de seis cilindros rugiu na escuridão de 1974, um som bruto que engoliu o zunido dos grilos e o fole asmático da respiração do Maestro. O homem afundou o pé no acelerador. As rodas traseiras do Opala preto giraram em falso na terra fofa, cavando o chão e cuspindo cascalho contra as pernas do perseguidor antes de finalmente encontrarem tração.
Pelo retrovisor interno, balançando junto com um crucifixo de plástico pendurado no espelho, o homem viu a silhueta do terno escuro ser engolida pela fumaça do escapamento e pela poeira gredosa. O Maestro ficou para trás, uma estátua gélida na estrada deserta, diminuindo até virar apenas um ponto preto na escuridão.
O homem soltou um riso histérico, um som rasgado que machucou sua garganta seca. Ele tinha vencido. O canivete de latão caiu de sua mão trêmula, batendo no assoalho do carro. Ele limpou o suor dos olhos com a manga da camisa rasgada, sentindo o vento frio da noite entrar pela janela aberta, trazendo o cheiro de mato e de liberdade. O painel do Opala brilhava em um tom verde-esbranquiçado fraco, o ponteiro da velocidade subindo. O monstro de ferro corria macio pela estrada de terra, os faróis altos cortando o breu.
A estrada começou a subir, serpenteando pelas colinas escuras que cercavam a cidadezinha. O homem relaxou os ombros pela primeira

vez em horas. O perigo tinha ficado para trás.
Foi quando o cheiro o atingiu.
Não era o cheiro de óleo ou de gasolina do motor. Era um odor adocicado, denso e terrivelmente familiar. O cheiro de éter misturado ao perfume barato de lavanda que o Maestro usava no lenço de seda.
O homem franziu a testa, a espinha congelando instantaneamente. Ele olhou para o banco do carona. Vazio. Olhou pelo retrovisor para o banco traseiro. Nada além da escuridão do vinil preto.
Então, seus olhos baixaram para o painel de instrumentos. Ali, preso por uma fita adesiva ressecada bem acima do rádio AM, havia um pequeno bilhete manuscrito com uma caligrafia perfeitamente artística, elegante como uma partitura. O homem forçou a vista sob a luz fraca do painel para ler as palavras escritas em tinta nanquim:
"Propriedade do Maestro. Obrigado por testar o compasso."
O coração do homem não acelerou; ele parou.
Um ruído sutil veio debaixo do painel, perto dos seus pés. Um clique mecânico, seguido por um sopro suave. O homem olhou para baixo e viu, conectada às saídas de ar condicionado do Opala, uma engenhoca artesanal: dois cilindros de metal cromado, com válvulas modificadas, liberando um gás invisível diretamente na cabine fechada.
O Maestro nunca tinha pretendido alcançá-lo a pé. O galpão, a fuga facilitada, o carro deixado convenientemente na estrada com as chaves na ignição tudo foi preparado com antecedência... tudo fazia parte do roteiro. O Maestro não era apenas o regente; ele era o arquiteto do teatro. A perseguição na estrada foi apenas o crescendo musical para fazer o coração da vítima bombear o sangue mais rápido, acelerando o efeito do veneno.
O homem tentou puxar a maçaneta para se jogar para fora do carro em movimento, mas seus dedos não responderam. Eles pareciam feitos de chumbo. Suas pálpebras pesaram uma tonelada. O ar dentro do Opala parecia ter virado fumaça líquida, sufocando seus pulmões.
— Não... — ele tentou gemer, mas a palavra morreu em sua boca como um sussurro inútil.
Sua visão começou a fechar em um túnel escuro. O reflexo do crucifixo no retrovisor parecia dançar. A estrada à frente começou a se contorcer como uma serpente. Ele não conseguia mais sentir o pedal do acelerador sob o pé direito, mas o Opala de seis cilindros continuava a rugir, descendo a colina em alta velocidade, totalmente sem controle.
O homem fechou os olhos. Em sua mente, no último segundo de consciência, ele não ouviu o som do motor ou o impacto iminente do carro contra as árvores no fim da curva. Ele ouviu o som de palmas. Um público invisível, de uma alma só, aplaudindo